



MARÇO DE 2017

## **Guiana-Caiena se insurge contra exploração colonial francesa**

**Yuri Martins-Fontes**

A coluna deste mês, como planejado, daria início a uma série de análises sobre a questão dos países não-alinhados aos EUA e seus sócios menores. Contudo, um acontecimento histórico – e ainda bem *quente* – nos leva a desviar um pouco o percurso para trazer à luz o ocorrido que chacoalha a política francesa em um delicado período eleitoral.

Trata-se de uma anacrônica e (quase) esquecida colônia, em plena América do século XXI: a Guiana-Caiena, dita “francesa” por seus atuais exploradores, está em convulsão. E por que não dizer, em vias de se “desalinhar” da espoliação que sofre há séculos de Paris, dentre outras potências coloniais que a invadiram, dizimaram seus nativos e saquearam sua floresta, legando ao novo século não um país integral, mas uma contradição latente: um território imenso para sua pequena população, riquíssimo em recursos naturais e saberes originários (de povos como os Arawaks que com suas culturas de milho, inhame e batata desfrutavam de adequada segurança alimentar), mas que hoje, sujeito ao descaso francês, restrito em autonomia e dependente da tutela parisiense, já não consegue sequer produzir o que come.

Neste final de março, a ebulição social guianense, começada há algumas semanas com a paralisação de companhia de eletricidade, seguida pela paralisação de outras categorias

sindicalizadas, e passeatas contra a alta insegurança, ganhou dimensões de uma greve geral – o que acabou por afetar o serviço aeroportuário local, isolando a colônia francesa. Mais do que isso, o ato restringiu simbolicamente o *acesso* da metrópole à colônia. De acordo com os líderes deste gesto de resistência, os voos desde Paris não estão autorizados a pousar na Guiana “até nova ordem”.

Em pleno período eleitoral, isso mexeu com a cúpula política francesa, sendo capa nos principais e apavorados jornais (conservadores) do país: *Le Monde* e *Le Figaro*. Para piorar – e explicitar o *simbolismo* da situação –, o candidato a presidente do campo mais “progressista” do pleito francês, Emmanuel Macron, se referiu à desprezada colônia como sendo uma “ilha”, ao criticar (sem nada propor) as paralisações que vêm afetando esse país de dimensões não muito menores de que a própria França (cerca de um quinto do território).

### **Um povo “quase” irmão**

Há algumas décadas, uma aberração era prática comum na sociedade brasileira: que famílias abastadas (ou mesmo de classe média, dada a disparidade social) “adotassem” adolescentes pobres, geralmente mulheres de ascendência afro-indígena, ditas assim “filhas de criação”, as quais, apesar do discurso de serem “da família”, eram na prática semiescravas, executando as tarefas domésticas da casa sem receber nenhuma remuneração – em troca apenas da sobrevivência (cama e comida) para seguirem sendo exploradas. Tal imagem infeliz ilustra a história da Guiana Caiena e de seu povo “quase francês”, “quase da família”: uma nação violentada mediante a extrema exploração de seus recursos minerais (ouro e outros minérios, biodiversidade amazônica, etc); sede *segura* (leia-se *longínqua*) de um dos mais desumanos campos de concentração de degredados penais da história (e que funcionou mesmo após a barbárie da Segunda Guerra); território favorável (sempre *distante*) para a perigosa e poluente atividade de lançamento de foguetes (com seu lixo espacial tóxico que por vezes despenca sobre a floresta ou cidades da região, caso da maranhense Anapurus, em 2012).

E assim caminhava a história da Guiana Caiena, uma das últimas *colônias* do mundo (ao menos no sentido estrito ou *formal* do termo), uma nação incompleta que sobrevive hoje mendicante, através dos *restos* que a miliardária metrópole lhe repassa – após anualmente lhe sugar quase toda a riqueza. Assim era, até *ontem*, quando uma greve pontual de setor chave (eletricitários) se alastrou e se tornou não apenas uma paralisação geral por melhores condições de vida, mas um ato carregado de sentimento nacional nas entrelinhas.

## Reivindicações

A fotografia que o jornal centrista *Liberation* escolheu para sua matéria, é bastante eloquente: são vários homens encapuzados vestidos de preto, pertencentes ao autodenominado coletivo “500 Irmãos” (referência bíblica), que de braços cruzados olham para a câmera. Trata-se de um grupo – cujos propósitos e tendências ainda são algo nebulosos – que se propõe a combater a violência, que aumentou exponencialmente nos últimos tempos. É um grupo que “catalisou as frustrações” gerais – resume um cidadão guianense. São os “zapatistas” do local, infere um tanto apressada – e displicentemente – a jornalista, diante dos mascarados.

Na mobilização, marcham lado a lado esse coletivo (que recusa e pecha de “milícia” e se declara “desarmado”), e a central sindical majoritária (União dos Trabalhadores Guianenses) – sendo apoiados por ampla parte da população de 250 mil habitantes deste “departamento esquecido” por Paris, em um protesto que relaciona a crescente delinquência, com a pauperização acelerada da população (enorme taxa de desemprego, serviços de saúde e educação depauperados, favelização acentuada, falta de apoio ao trabalhador rural e aos povos indígenas, etc).

No dia seguinte ao início da greve geral (começada em 27 de março), houve uma mobilização popular chamada pelo movimento *Para que a Guiana Decole* – com quase 20 mil pessoas presentes – segundo o portal *Guyaweb* (ou 15 mil, nos números sempre *minimistas* das autoridades). Tal surpreendente cifra – já *histórica* – representa pouco menos de 10% da população tomando as ruas, em manifestações especialmente na capital Caiena e em São Lourenço do Maroní, segunda cidade do país. A avenida principal de Caiena estava tomada por uma multidão; bandeiras vermelhas sindicais e socialistas se misturavam com faixas que traziam palavras de ordem no idioma local (o *crioulo guianense*): “Nou bon ké sa!” (“Basta!”). Grupos independentistas, que vem retomando voz nos últimos anos, também marcaram forte presença, como o *Komitê Drapo* (*Comitê Bandeira*), cuja mensagem dizia: “Pare a colonização: Guiana livre!”.

Segundo a estatal *Radio France International*, uma em cada quatro famílias guianenses vive abaixo da linha de miséria, enquanto a taxa de desempregados chega a 22% (em contraste com os 9,7% da França).

Trata-se da “maior manifestação jamais organizada” na Guiana – afirmaram autoridades regionais, entrevistadas pelo direitista *Le Monde*. Segundo o deputado local Gabriel Serville, desde 2012, em meio ao redemoinho da crise econômica mundial (“socializada” pelos EUA com o mundo), a economia, a saúde e a educação não param de se deteriorar, mas “Paris tem dificuldades de compreender essa nossa realidade”.

Segundo o jornal corporativo francês, o problema social atinge as seguintes cifras:

- 15 mil famílias (aproximadamente 60 mil pessoas, ou 25% da população) na lista de espera por habitações populares;
- 40% dos estudantes abandonam a escola;
- quase 50% dos jovens de até 25 anos estão desempregados;
- a percentagem de médicos por habitante é menor de que a metade da taxa da metrópole;
- além de ser o “departamento francês” com maior taxa de assassinatos, e mais de 13 vezes mais assaltos a mão armada que seus dominadores.

O portal do *Novo Partido Anticapitalista* francês (NPA) entrevistou o líder independentista Fabien Canavy, do *Movimento pela Descolonização e Emancipação Social* (MDES), partido socialista independentista guianense. Conforme o militante, o problema da insegurança e violência em níveis insuportáveis é resultado de uma “situação colonial” de séculos na qual “não cabe o desenvolvimento, a educação”. Essa “situação desastrosa” acabou por conduzir o país ao “desemprego em massa” e a todo tipo de “desvios” que isso acarreta: “tráfico, alcoolismo, suicídios de nativos”. Na Guiana, há “ao menos seis nações autóctones”, fora as comunidades quilombolas – povos que sofrem sistematicamente com a “negação de sua cultura”. O movimento *Para que a Guiana Decole* é uma “federação de coletivos que tenta organizar diferentes reivindicações”, vindas dos sindicatos de professores, associações estudantis e de cidadãos, comunidades indígenas. Segundo o NPA, há décadas o estado francês vem “desprezando” a Guiana, a ponto de hoje a pobreza atingir “mais de 60%” da população.

Diante da iminência de uma rebelião geral – e possivelmente da perda definitiva de controle sobre sua *colônia de exploração* –, uma comissão do governo francês foi às pressas à Caiena, com as seguintes propostas: o envio de míseros 40 milhões de euros para o país (inteiro) remediar seu caos sanitário – com o agravante de que a Guiana vem sendo duramente atingida pela dengue e o zika; e quanto à segurança, o deslocamento de mais policiais da metrópole à região (espécie de saída aos moldes das sanguinárias “Unidades de Polícia Pacificadora” cariocas).

Com relação às demais demandas – educação, transportes públicos (quase inexistentes, num país que rasteja de vans), auxílio à agricultura familiar, questão energética, proteção às populações autóctones e ao crescentemente agredido meio-ambiente, e renegociação da pilhagem metropolitana de recursos naturais –, estas pautas continuam até agora tomadas como *menores* pelas autoridades de segundo escalão mandadas à Caiena por seu relapso tirano estrangeiro de

plantão, François Hollande.

Ao fechamento desta matéria, nova comitiva colonial havia sido enviada à Guiana com o propósito de “responder a todas as preocupações manifestadas”, porém, com a ameaça velada de que o *diálogo* se mantenha “dentro do respeito escrupuloso aos valores republicanos”. Resta entender o que a anacrônica metrópole (ainda tão *napoleônica*) entende por “escrúpulos”, “valores”, ou por um legítimo regime “republicano” que se adéque a essa nação espoliada.